

**Kate Beckett** tem 24 anos. É filha de um engenheiro de máquinas e de uma rancheira rica, ambos americanos. Nasceu num enorme rancho Texano, pertença da família materna oriunda dos pioneiros iniciais, cujo slogan era “ride or die” (monta ou morre). A mãe já a levava sentada na sela quando ela ainda mal sabia andar, o que fez da jovem uma cavaleira incrível. Aprendeu a atirar muito cedo, bem como a usar o laço e o chicote.

O pai mandou fazer um rifle mais pequeno que se adequasse ao seu porte franzino — tem -1 no dano e na dificuldade de acertar. A forma como maneja um “bullwhip” (chicote do tipo Indiana Jones) transformam-no num verdadeiro perigo, mesmo nas suas mãozinhas delicadas. E não havia vitelo que escapasse ao seu laço. Tudo fruto de uma infância e juventude felizes e sem preocupações no Texas, rodeada de cowboys.

Veio para Inglaterra com uma tia solteirona que exerce enfermagem (aunt Tabitha Beckett), e que trata carinhosamente por aun’Taby, para aprender medicina na mais prestigiada faculdade londrina, a Victoria University.

Para além dos estudos, já pratica no Chelsea Hospital, como voluntária ajudante. Fica perto da casa casa da sua melhor amiga, pelo que acaba por dormir lá amiúde. Lucy Spark é o seu porto de abrigo. Conheceram-se no barco a caminho de Inglaterra, têm a mesma idade e foi amizade à primeira vista. Demoraram muito pouco tempo a descobrir uma extraordinária empatia mútua.

Kate é linda de morrer. Com os seus caracóis doirados e olhos azuis do tipo “mar das Caraíbas”, mais parece um anjo. Tem uma aparência marcadamente ingénua, com o seu sorrisinho feliz, e nada, mas rigorosamente nada parece perturbá-la. Nem cadáveres, autopsias ou corpos já em decomposição. A tudo assiste impávida e serena com o seu ar cândido e aquele sorriso complacente que a caracteriza. Não é cruel

nem boa samaritana. Apenas... “inafetável”!

Durante o dia acompanha a tia, assiste às aulas na faculdade e estuda afincadamente. Mas a maior parte dos serões, desde que não esteja em exames, passa-os com Lucy.

A sua tez clara, quase pálida, enfeitada por lindos cabelos sedosos e os brilhantes olhos azuis fazem com que todos os rapazes que a conhecem estejam disposto a beijar o chão que ela pisa. Dizem as más-línguas que até Lordes, mesmo com a idade do pai, ficaram pelo beicinho a primeira vez que a viram na ópera.

Apesar do ar extremamente coquete é muito inteligente e dona de uma raciocínio frio, calculista e preciso, nunca afetado por emoções sejam elas quais forem. Mesmo assim é muito simpática e polida para com toda a gente, independentemente do seu status social, terníssima e de uma fidelidade a toda a prova para com os mais próximos, principalmente a tia e Lucy, sua melhor amiga e confidente. São inseparáveis e não fazem nada uma sem a outra.

A sua curiosidade natural e um desejo insano de perceber tudo o que a rodeia, cedo lhe despertaram o maior interesse pelo “funcionamento” do ser humano. Não só na parte física mas também na psíquica. Por isso é fácil encontrá-la a ler documentos científicos com as mais recentes descobertas na área da medicina, Freud ou mesmo Leonardo da Vinci, de quem é fã incondicional.

A sua frieza perante os cenários mais horríveis, já a tornaram notada no Hospital. O Dr. John Watson, que pelas suas ligações ao exército, costuma ser chamado como médico legista em casos sob investigação criminal, já a levou várias vezes. Ultimamente ganhou tal confiança na moça que já a envia sozinha.

**Kuan Tai Shiu** tem agora 22 anos e é anglo-chinês.

É filho de um inglês, o major Jeffrey Barnsley, ao serviço da Coroa num regimento colonial e de mãe chinesa, a senhora Mei Li Shiu, infelizmente já falecida.

O pai já era oficial do exército inglês e integrava uma companhia estacionada na cidade de Haikou, na ilha de Hainan. Não pôde casar nem perfilhar Kuan Tai sob pena de ter de se demitir do exército e perder a patente. Não o fez na aparência, e por medo das represálias sociais, mas cuidou sempre do filho e da mãe, de modo que nada lhes faltasse.

Mei Li era uma chinesa adorável, muito trabalhadora, que herdara uma pequena pensão de seus pais em Xiuying, onde Kuan Tai veio a nascer, numa rua movimentada onde existiam vários dojos e escolas de artes marciais. Kuan Tai viu os primeiros quimonos ainda antes de saber falar. Mas a mãe só o deixou começar a praticar aos 7 anos, por achar demasiado violento. Treinou karaté e mais tarde kung fu numa espécie de seita quase secreta até abandonar a China. A arma preferida é o “sai” (aquele que parece um espeto para assar frangos, como os da Jennifer Garner em “Elektra”). Antes disso já ajudava na cozinha da pensão, o que o viria a tornar num verdadeiro chef. E o pai fez questão que falasse fluentemente o inglês e mais tarde que frequentasse uma escola internacional para que tivesse alguma instrução e aprendesse o mais possível sobre as culturas ocidentais. Por causa desta relação secreta, Jeffrey fez todas as comissões possíveis e imaginárias na China, até que o regresso se tornou inadiável. Tinha 18 anos quando o regimento do pai abandonou definitivamente Hainan e este, já como Major, regressou a Inglaterra trazendo consigo mãe e filho.

Instalou-os numa confortável casinha nos arredores de Londres, onde os visitava amiúde. Comprou uma pequena lavandaria para a sua “quase esposa” e que servia de “fachada” já que ela não necessitava de trabalhar. O Sr. Barnsley era um cavalheiro, comportando-se como um esposo e pai dedicados. Infelizmente uma gripe levou-lhe a Sra. Shiu cerca de dois anos depois de ter regressado, para seu grande desgosto. Kuan Tai não quis continuar o negócio das lavagens e pediu ao pai para tentar ajudá-lo a arranjar algum modo de vida menos monótono. Através de um antigo

camarada de armas com quem tinha servido na China, arranjou trabalho para o filho, como cozinheiro, em casa de uma jovem americana muito rica, a menina Lucy Spark, que adorava excentricidades. E dar grandes festas onde era servida comida chinesa era uma delas...

Kuan Tai possui vários pares de “sai”, um deles com punhos muito trabalhados, em aço de excepcional qualidade, mais leves, equilibrados e fáceis de manusear do que os normais. Também trouxe da China uma coleção de preciosas facas que podem servir para diferentes fins dos de preparar peixe...

Em casa de Miss Lucy e quando está de serviço na cozinha usa sempre quimonos pretos de algodão grosso, com um grande avental azul. É muito arrumado, organizado e metuculoso em tudo o que faz, como é apanágio de um cinturão negro, que praticou artes marciais durante anos. Tem ensinado Miss Lucy, que o trata com amizade por “Tai” e a quem se afeiçoou nestes 2 últimos anos, alguma da sua arte guerreira. A linda americana ficou fascinada no primeiro dia que o viu treinar num jardim da enorme mansão. No seu imaculado quimono de seda preta, com um enorme dragão amarelo estampado nas costas, despejando labaredas pelas narinas, enquanto derrotava inimigos imaginários ou quando parecia dançar enquanto aperfeiçoava a concentração nos graciosos movimentos do Tai Chi Chuan. Para além disso trabalha diariamente na cozinha ajudando a Sra. Rose Flitney, responsável pela alimentação de todos os habitantes da mansão. Em dias de festa tem a seu cargo a enorme responsabilidade de impressionar os sofisticados convidados de Miss Lucy, com as mais exóticas iguarias da sua terra natal. Tem uma personalidade discreta, muito reservada, que agrada bastante à “patroinha” (lil’ bossie) como costuma tratá-la no seu inglês correto mas sem esconder o sotaque. É bastante inteligente e habilidoso, pelo que ajuda em muitas das outras tarefas da casa. Nas folgas gosta de beber *maotai*.

**Nikolai Lobanov** nasceu na Rússia, numa localidade perdida chamada Tbilisskaya, na província de Kalinin (entre Moscovo e São Petersburgo).

Tem 36 anos, filho de caseiros de um abastado parente do Imperador Alexander II.

A mãe tratava de parte da lida da casa e o pai da enorme cocheira que existia na imensa propriedade. Feodor Lobanov sabia tudo sobre cavalos, desde tratá-los, ferrá-los, treiná-los e montá-los, conhecimentos esses que foi passando aos poucos para Nikolai ainda criança. Ao atingir a maioridade serviu o Exército Imperial nos Cossacos pela sua mestria como cavaleiro. Aí aprendeu a manejar o sabre (de cavalaria) e a disparar espingardas. Com a mãe aprendeu música e a tocar as tristes melodias do Cáucaso, na balalaica.

Cresceu forte e robusto, como o pai, mas não teve grande acesso aos estudos pelo que nunca houve nenhuma boa oportunidade de ensino nem de desenvolver a inteligência.

É no entanto possuidor da compleição física de um lutador, muito forte, obstinado, incapaz de trair um amigo, mas uma terrível dor de cabeça para qualquer adversário. É um pouco rude (para não dizer bruto), sem grandes maneiras mas leal como um cão. Quando veio da guerra chegou a trabalhar num circo onde tratava dos equídeos e chegou a montar nalguns números, servindo de “base” em acrobacias. A enorme liberdade que sentia, e tanto prezava, enquanto esteve na companhia, a facilidade em conhecer outras gentes e lugares fascinaram-no ao ponto de não mais querer regressar à casa materna. Andou a vaguear por aqui e por ali, fazendo biscates de vária ordem, desde tarefas com cavalos, passando por capanga e guarda-costas até cocheiro da posta.

Muito namoradeiro mas com uma terrível “alergia” a compromissos nunca chegou a casar, mas dizem as más-línguas que deve ter pelo menos meia dúzia de filhos espalhados pelos quatro cantos da Rússia.

Depois de várias encrencas em que se metia com facilidade quer fosse por jogo, vodka ou saias (ou uma mistura explosiva dos três) acabou por ter de se “afastar” definitivamente para não ser preso.

Viajou então até Inglaterra onde continuou a fazer pequenos trabalhos aqui e ali, como cocheiro, mas como arranja conflitos facilmente, já que ferve em pouca água e tem pavio curto tem de mudar com frequência de patrão.

Foi ferido numa rixa e tratado pela menina Kate Beckett, que o levou bastante ferido (tiro ou facada — ficou com uma cicatriz no braço esquerdo) para a propriedade de uma outra americana muito rica, sua amiga e confidente, Miss Lucy Spark. A jovem ruiva e sardenta era, de longe, a rapariga mais bonita que alguma vez vira na vida. E ele já tinha visto muitas...

Graças aos seus profundos conhecimentos de equídeos, ficou ao serviço de Lucy como cocheiro e para tratar da caudalaria.

**Gunter Lubitsch** nasceu na Suíça há cerca de 35 anos.

Os pais eram alemães mas mudaram-se para Schaffhausen antes de ele nascer.

O pai era responsável por um departamento numa fábrica de relógios e a mãe tinha sido secretária numa empresa que fabricava máquinas a vapor em Frankfurt.

Desde cedo mostrou grande interesse por todo o tipo de maquinaria e grande inteligência para perceber o seu funcionamento.

É o que se chama normalmente um “engenhocas”.

Trabalha para Miss Lucy, na mansão Primrose há 3 anos, substituindo o malgrado Wilfred Biggin, que conduzia o carro em que faleceu, juntamente com os pais de Lucy, na fatídica noite de 15 de Fevereiro de 1895.

Conduz e trata do carro, faz a manutenção da casa e fala com sotaque carregado.

Sabe tudo sobre maquinas, desde relógios a motores a vapor. E até as modernices relacionadas com a novidade do fim de século: a eletricidade, que tanto furor estava a fazer nos Estados Unidos.

Tornou-se grande amigo de uma visita regular de Miss Lucy (amigo é um eufemismo, tem uma verdadeira paixão! ela será para sempre a mulher da sua vida), a excêntrica Miss Jessie Flynn que ainda gosta mais de máquinas do que ele. Trata os motores por “tu” e, apesar de ser uma menina fina, de boas famílias e pertencer à socialite Londrina, não tem o mínimo problema em afundar as mãos em lubrificantes e massa consistente. É comum ver-lhe uma sarapintadela na cara ou na ponta do nariz, o que a faz parecer ainda mais atraente.





**Clark Mason**, AKA Clark Maison, tem 25 anos.

Filho de pais franceses, imigrantes no Reino Unido, foi uma criança com dificuldade em enquadrar-se no meio que o rodeava. A isto também contribuiu o facto de ser filho único e de ter perdido a mãe muito cedo.

Os pais, Henri Maison e Charlotte Maison, ambos nascidos em 1836, eram conceituados detetives da Polícia francesa e trabalhavam como uma dupla (que ficou conhecida como “Les Gardiens [de la] Maison”). Dez anos de trabalho imaculados, sem um único caso em aberto, chamaram a atenção da ainda nova Scotland Yard e, por convite da polícia londrina, trabalharam como intermediários nos grandes casos que abrangiam as autoridades de ambas as nações. Contudo, como em todas as histórias, a junção eventualmente deu para o torto quando circulou um rumor de que o casal andava a passar informações confidenciais a Inglaterra, o que levou à sua acusação de traição em França. Desta forma, exilaram-se e por volta do ano de 1860 chegaram à Grã-Bretanha. Mudaram os nomes para a grafia inglesa e trocaram Maison por Mason. Como já não podiam exercer a profissão que tanto amavam, tiveram de procurar uma maneira de preencher o vazio que sentiam. Depois de vários anos de tentativas, conseguiram finalmente conceber. O bebé veio nascer com saúde no seio de uma família que o amava. Em segredo, deram-lhe o nome de Clark Maison; todavia o nome oficial ficou Clark Mason.

Clark, quando ainda era criança tinha tendência para a solidão. A mãe tinha morrido a tentar dar-lhe um irmão e o pai tinha-se refugiado na bebida, pelo que não tinha com quem falar ou a quem pedir ajuda. Refugiou-se nos seus pensamentos e nos estudos. Tinha sete anos quando o pai o mandou para um colégio interno e lá ficou até completar o ensino secundário, mais cedo que o usual, com 17 anos. Uma vez livre daqueles que foram os piores anos da sua vida (era constantemente maltratado pelos colegas que, não satisfeitos pela sua situação difícil,

tinham todo o gosto em roubar-lhe os poucos pertences que tinha, em sabotar os seus trabalhos, em agredi-lo física e verbalmente) sentia-se finalmente capaz de dar uma segunda oportunidade ao pai.

De volta a Londres, deparou-se com uma casa vazia, toda revirada e com marcas de luta. O seu primeiro mistério. Trabalhou dia e noite à procura da explicação para o que sucedera ali e ao pai. Inquiriu junto dos bares, das fábricas, analisou as provas deixadas em casa e, certo dia, enquanto falava com uma jornalista, chegou um agente da Scotland Yard que lhe pediu para o acompanhar. Tratava-se de Lewis Potts, chefe da Polícia e trazia-lhe uma pasta com a palavra “CONFIDENCIAL” carimbada. Abriu-a e encontrou várias cartas. A primeira era da mãe a desejar que ele fosse feliz a fazer o que mais gostasse; a segunda era do pai (de uma altura em que ainda eram uma família) a explicar a sua história e linhagem; a terceira era de ambos a expor o desejo que tinham em que ele seguisse as suas passadas e se tornasse um detetive. Potts mostrou-lhe o quanto estava grato aos pais de Clark, que lhe salvaram a vida múltiplas vezes e o ajudaram a ascender ao cargo que ocupa, e disse-lhe que, se estivesse interessado em ingressar na Polícia, ele podia ajudá-lo. Clark, contudo, respondeu-lhe que antes de começar uma viagem assim tinha de pôr um ponto final no passado e descobrir o que acontecera ao pai... e foi o que fez. Um ano passou e voltou à Scotland Yard com um homem de mãos atadas, pedindo para chamarem o chefe. Diante dele estava a resposta para o problema que assombrara tanto o filho como o grande amigo, Potts, naquele último ano. Aparentemente, o que acontecera fora, nada mais, nada menos, que uma rixa entre dois bêbados que se estendeu até à casa dos Mason e que, com a morte de Henri, veio culminar no seu enterramento pelas mãos, naquele momento atadas, do homem trazido por Clark. Assim, o jovem descobriu o que a resposta procurava e não só: percebeu que resolver mistérios e crimes, procurar a verdade, era a sua

missão, aquilo que ele mais gostava de fazer: a sua *joie de vivre*.

Como combinado, ingressou na Scotland Yard e uns escassos anos mais tarde já era chefe de divisão, a seguir o legado dos pais (não deixava passar um único caso sem o resolver, mesmo os aparentes “crimes perfeitos”) pois nada escapava à perspicácia e ao talento nato de Clark para descobrir os culpados. Alguns dos que trabalham sob a sua alçada acreditam que ele consegue farejar a culpa e, através disso chegar sempre à verdade.

Hoje em dia Clark já sabe aproveitar a companhia de outros e já criou laços muito fortes com alguns escolhidos; todavia, ainda preza a quietude, a calma, a possibilidade de concentração que advém de estar sozinho. Com Lewis, aprendeu a transmitir o que pensa e mesmo a persuadir (uns diriam manipular) os outros; trabalhou o físico na Polícia e é capaz de proezas acrobáticas extraordinárias e do manuseio exemplar e sem quaisquer falhas das armas desenvolvidas até então. A partir do seu tempo sozinho e infeliz de criança sem mãe tomou o gosto pela leitura e pela aprendizagem e tornou-se num entusiasta pelo saber, nos tempos livres (que são poucos, visto que o trabalho o consome).

Clark é um jovem adulto bem constituído (alto e atlético) de olhos castanhos cor de avelã, que se escondem atrás dos óculos grossos que usa. Tem cabelo castanho-escuro, que corta muito curto, e barbeia-se todos os dias, o que lhe dá um ar fresco e asseado e, ao mesmo tempo, juvenil. Do tempo que passou no colégio interno aprendeu a cuidar bem da sua roupa pelo que usa sempre o uniforme da Polícia impecavelmente lavado e passado a ferro e são raras as vezes em que se veste à civil – calças escuras, camisa, colete, gravata e casaco. Um acessório que nunca lhe falta, tanto para o trabalho como fora, é o seu Classic Wool Derby preto (chapéu de coco).

O facto de ser bem-parecido, inteligente e culto dá azo a muitos

momentos constrangedores para as senhoras que o abordam na esperança de ele se interessar por elas; o que, até ao momento, ainda não aconteceu, apesar de ele ser sempre polido e recusar estas ofertas muito simpaticamente. Para o público masculino, o seu andar decidido e concentrado “proíbe” qualquer tentativa de contacto pelo que só aqueles que privam com ele têm a oportunidade de conhecer o homem por trás da máscara intimidante que Clark usa, precisamente para não ser incomodado enquanto se perde nos seus pensamentos.

O que Clark mais gosta no seu trabalho é a capacidade de dar a outros a sensação de repouso que ele próprio sentiu quando deslindou o mistério do pai e é para todos esses indivíduos que ele investe quase todo o seu tempo, independentemente do estrato social, nome, nacionalidade ou qualquer outros parâmetros que outros possam achar impeditivos das pessoas que lhe pedem ajuda.

**Maggie Whipp** tem 26 anos e é a criada de quarto de Miss Lucy. Embora prefira que a considerem... secretária.

Já foi cortesã, pelo que está muito à vontade com os homens (e as mulheres). É extremamente desenrascada e desinibida. Arranja sempre uma saída para qualquer problema.

Foi encontrada pelo primo de Lucy, num cabaret chic que este frequentava (em circunstâncias que preferimos não descrever aqui). Marvin teve pena da rapariga, que lhe parecia extremamente esperta e cheia de recursos (para além “desses”, em que vocês poderão estar a pensar).

Quando a patroa dá festas importantes na mansão, principalmente se os convivas aparecem mascarados, Lucy pede-lhe sempre que vista o “fatinho”. Consiste num provocador vestido de cetim preto enfeitado com rendas brancas e um decote que faz verdadeiro jus aos seus atributos femininos, provocando sempre olhares indiscretos do público masculino, cochichos e invejas do feminino.

Pelo expediente e esperteza da moça e ainda pela enorme simpatia e pena que nutre por ela, Lucy anda a prepará-la para um dia ser sua secretária particular, especializada em resolver situações complicadas. E ajudá-la nas investigações sobre o que aconteceu com seus pais (falecidos num acidente de automóvel, que Lucy não acredita ter sido... acidente).

Maggie tem sempre um ar amuado, vive uma vida amargurada a remoer constantemente na juventude roubada, depois que percebeu como a sua vida poderia ter sido tão melhor. Como é agora. Apesar de, pela falta de formação, não ser uma pessoa de muitos escrúpulos, Maggie é de uma fidelidade canina para com Lucy. Jamais a trairia ou deixaria

desamparada. É a sua forma de corresponder à imensa confiança/ esperança que a patroa deposita nela.

Sente um carinho vaidoso na paixão que sabe que Edwin (o jardineiro) nutre por ela, mas ele não é o tipo de pessoa que ela aspira conhecer um dia. Mas também não quer desiludi-lo, além de se sentir mimada com as suas atenções.

**Norah Penn** tem 23 anos. Tem a energia de um vulcão. Pelo menos é ardente como um. Tornou-se há pouco jornalista no “The Daily Telegraph”, depois de ter tirado, contra vontade dos pais conservadores, um curso superior, que a preferiam em casa a aprender a ser uma Lady da sociedade e a preparar-se para arranjar com um bom partido.

Norah, revelou-se uma leitora compulsiva logo que aprendeu a ler. Devorou todos os clássicos da altura e quis tornar-se escritora, como Oscar Wilde ou o ativista George Bernard Shaw. Licenciou-se em Literaturas na Universidade de Oxford. Mas depressa percebeu que os livros demoram muito tempo a chegar às pessoas. E a sua mente criativa e perspicaz arde como palha. O jornal era o meio de acelerar ao máximo todo o processo. Escrevia num dia, no outro estava na rua, na mão dos ardinas. Para além de lhe dar liberdade de investigação e de opinião.

*ainda falta informação...*





**Derek Dalling** tem 26 anos e é fotógrafo para o “The Daily Telegraph”.

É o melga. Chato como a potassa, “*a pain in the ass*”, ganha sempre por exaustão. Se mete na cabeça tirar “aquela” foto, nada um impedirá. Nem problemas com a polícia, a lei ou a justiça.

Trabalha com a jornalista Norah Penn, que ainda é mais “metediça” e persistente do que ele. Juntos fazem uma “parelha” terrível.

O pai é licenciado em História e dá aulas na Universidade de Cambridge. A mãe era telefonista mas depois de casar com o Dr. Edward Derek passou para a secretaria. São ambos muito cultos, tendo incutido no jovem desde muito cedo o interesse pelo conhecimento. Ainda começou a estudar literatura, depois pensou em ser jornalista mas apaixonou-se de tal modo pela fotografia que, mesmo contra a vontade dos pais, não larga a câmara. Mas o jeito e o gosto pela escrita ficaram. Às vezes ajuda Norah a escrever os artigos. O acesso às bibliotecas da universidade e do pai, ajudam a contextualizar (e moderar) as crónicas inflamadas da intempestiva jornalista.

Ele acha a menina Lucy a rapariga mais fotogénica que alguma vez viu. Fotografou-a várias vezes em eventos sociais importantes tendo conseguido uma chapa da linda americana que já lhe deu uma primeira página.

Como agradecimento discreto pela sua dedicação em mostrar sempre a melhor silhueta de Lucy, a empresária mandou entregar-lhe uma das mais recentes Kodak, coqueluche e ambição de qualquer fotógrafo.



**Jessie Flynn**, AKA Jessy “Cog”, tem 25 anos.

É excêntrica da cabeça aos pés. O pai é engenheiro-chefe numa fábrica de locomotivas e a mãe enfermeira-chefe (no hospital onde trabalha Kate Backett). Devorou quase todos os livros do pai sobre mecânica, hidráulica, eletricidade, etc. Aos 10 anos já construía os seus próprios brinquedos de... rapaz.

Trata os motores por “tu” e, apesar de ser uma menina fina, de boas famílias e pertencer à socialite Londrina, não tem o mínimo problema em afundar as mãos em lubrificantes e massa consistente. É comum ver-lhe uma sarapintadela na cara ou na ponta do nariz, o que a faz parecer ainda mais atraente.

Conheceu Gunter nas lojas de ferragens que ambos frequentam. O suíço achou curioso ver uma rapariga a comprar rodas dentadas e correias de transmissão. Foi ele que a apresentou a Lucy. Começaram a ver-se amiúde, umas vezes na oficina dela, outras na de Primrose. O motorista de Primrose tem-lhe uma verdadeira adoração, mas para já Jessy só pensa em rodas dentadas.

De momento andam (os dois) entusiasmadíssimos a construir um pequeno dirigível comandado via cabo, com uma câmara fotográfica para fazer tomadas aéreas.

Com a ajuda de um engenheiro químico amigo do pai, tem trabalhado para criar um novo tipo de chapas fotográficas que podem ser reveladas num laboratório portátil. Os conhecimentos fotográficos de Derek têm dado uma boa ajuda.



**Eva Galvão,**

